
EDUCAÇÃO FÍSICA

MARINA PIRES SERAFIM

**O FUTEBOL / FUTSAL FEMININO E O
CONTEXTO DE GÊNERO NAS AULAS DE
EDUCAÇÃO FÍSICA**



Rio Claro
2019

MARINA PIRES SERAFIM

O FUTEBOL / FUTSAL FEMININO E O CONTEXTO DE GÊNERO NAS
AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Orientador: Prof. Dr. Carlos José Martins

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Instituto de Biociências da Universidade
Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” –
Campus de Rio Claro, para obtenção do grau
de Licenciada em Educação Física.

Rio Claro
2019

S481f	<p>Serafim, Marina Pires</p> <p>O futebol/futsal feminino e o contexto de gênero nas aulas de educação física / Marina Pires Serafim. -- Rio Claro, 2019</p> <p>25 f.</p> <p>Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura - Educação Física) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Instituto de Biociências, Rio Claro</p> <p>Orientador: Carlos José Martins</p> <p>1. Educação física. 2. Identidade de gênero na educação. 3. Futebol feminino. 4. Documentos públicos. I. Título.</p>
-------	---

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca do Instituto de Biociências, Rio Claro. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

AGRADECIMENTO

Agradeço primeiramente meus pais Vera Lúcia Pires da Silva Serafim e Antonio José Serafim e minha irmã Suzana Pires Serafim pelo apoio incondicional por não medirem esforços para realizar meus sonhos e objetivos.

À toda minha família e amigos, por toda forma de apoio que recebi, serei eternamente grata.

À Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” e aos meus professores pela oportunidade, proporcionando uma formação profissional e um crescimento pessoal.

Ao Prof. Dr. Carlos José Martins pela orientação, incentivo e paciência.

E a todos os amigos e colegas de graduação, e todos que fizeram parte desta caminhada.

O FUTEBOL / FUTSAL FEMININO E O CONTEXTO DE GÊNERO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

RESUMO:

A desigualdade de gênero é algo que está presente na nossa sociedade há muito tempo, e a dominação masculina vem sendo caracterizada nas diferentes instituições que conduzem nossa sociedade. Isso é claramente refletido no âmbito esportivo, como por exemplo, no futebol, o esporte de maior popularidade no planeta e também nas aulas de educação física nas escolas. Este trabalho tem como objetivo investigar as relações entre futebol/futsal feminino e o contexto de gênero nas aulas de Educação Física através de pesquisa bibliográfica e documental focada no Ensino Fundamental.

Palavras- chave: futebol/futsal feminino; gênero; aulas de Educação Física.

THE FEMALE FOOTBALL / FUTSAL AND THE GENDER CONTEXT IN THE LESSONS OF PHYSICAL EDUCATION

ABSTRACT:

Gender inequality is something that has been present in our society for a long time, and male domination has been characterized in the different institutions that lead our society. This is clearly reflected in the sporting arena, for example in football, the most popular sport on the planet and also in physical education classes in schools. This work aims to investigate the relationship between soccer / futsal women and the context of gender in Physical Education classes through bibliographical and documentary research focused on Elementary School.

Key Words: women's football/futsal; gender; Physical Education classes.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	6
2. OBJETIVO.....	9
3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	10
4. HISTÓRIA DO FUTEBOL E FUTSAL.	11
5. FUTEBOL E FUTSAL FEMININO.....	13
6. DEFINIÇÃO DE GÊNERO.....	15
7. QUESTÕES DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO ESCOLAR	17
8. GÊNERO NOS DOCUMENTOS.....	20
9. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	23
10. REFERÊNCIAS.....	26

1. INTRODUÇÃO

Tendo em vista que as práticas pedagógicas em geral e as práticas especificamente voltadas para as aulas de educação física nas escolas encontram-se estruturadas e organizadas sob a perspectiva de gênero. Em outras palavras, frequentemente se atribui como características de determinadas práticas o fato de serem mais adequadas a este ou aquele gênero. Por exemplo, há algum tempo se costumava atribuir ao futebol uma característica exclusivamente masculina e à dança uma característica exclusivamente feminina. No entanto, essas atribuições vêm sendo questionadas e por vezes deslocadas. Esta pesquisa procurará descrever como essas questões encontram-se atualmente estabelecidas em algumas escolas a partir de seus Projetos Políticos Pedagógicos, Programas de Disciplinas e Planos de aula procurando estabelecer uma correlação destes com as atuais políticas públicas que incidem sobre o tema, tais como Planos Nacionais, estaduais e municipais de educação e Base Nacional Curricular Comum.

A submissão social das mulheres não é uma lei natural das relações humanas. Friedrich Engels, teórico revolucionário alemão, através de seu livro *A origem da família, da propriedade privada e do Estado*, afirmou que opressão à mulher tem uma origem.

A organização social tinha por objetivo garantir a existência dos membros do grupo, assim à aquisição de alimentos e reprodução da vida eram tarefas essenciais para o grupo. Com o avanço deste processo, passam a existir técnicas de agricultura e criação de animais, o que gerou um acúmulo de excedente na produção. Isto permitiu trocas de regulares de produtos, pois o trabalho havia produzido além do necessário para o consumo da própria comunidade.

Como neste período os homens tinham como tarefa providenciar os alimentos, e isso já não era mais necessário, todo o excedente de produção se torna posse deles, assim como os instrumentos para este trabalho. Com isso toda a riqueza acumulada também pertencia ao homem.

O pastor, envaidecido com a riqueza, tomou o primeiro lugar, relegando a mulher para o segundo. E ela não podia reclamar. A divisão do trabalho na família havia sido a base para a distribuição da

propriedade entre homem e mulher. Essa divisão do trabalho na família continuava sendo a mesma, mas agora transtornava as relações domésticas, pelo simples fato de ter mudado a divisão do trabalho fora da família. (ENGELS, 1884)

Assim, o patriarcado começa a reger a sociedade, caracterizando a dominação masculina nas instituições políticas, econômicas, sociais e familiares. Compreendendo essa noção de patriarcado, é possível entender a opressão sentida pelas mulheres historicamente. Embora as diversas formas de dominação patriarcal tenham sofrido transformações com o passar dos anos, e diversas mulheres revolucionárias que ao longo da história lutaram pelos seus direitos e os movimentos feministas ganhando força, fazendo com que isso tenha refletido em mudanças, a opressão persiste e faz com que seja uma luta constante.

Obviamente isto também seria refletido no âmbito esportivo, principalmente no esporte mais popular do mundo, o Futebol.

Foi a partir do século XIX que os ingleses começaram a transformar o que era jogo em esporte, iniciando um processo de normatização de sua velha prática. Assim, com regras se tornando universais e uma estrutura organizacional responsável por administrar as competições e zelar pelo cumprimento das regras, o futebol cresceu em um ritmo frenético.

O Futebol cada vez mais alcança níveis expressivos, em diferentes graus de envolvimento esse esporte já atinge mais da metade da população mundial e ainda tem peso relevante na economia. Não restam dúvidas do poder e do alcance que esta modalidade tem, mas uma de suas vertentes ainda caminha a passos lentos, o Futebol Feminino.

A história das mulheres no esporte se assemelha a história da mulher na sociedade, sendo marcada por avanços, rupturas, persistências, transgressões e recuos. E mesmo que de forma lenta e com muitas dificuldades, através de pequenas manifestações, vão encontrando seu espaço sendo atletas, jornalistas, árbitras, praticantes, espectadoras, dirigentes, treinadoras, admiradoras, entre outras.

E essa histórica desigualdade de gêneros, vem sendo reproduzida na escola e principalmente nas aulas de Educação Física e por força deste processo de transmissão cultural, as desigualdades são constantemente reforçadas.

Como tenho vivido esta modalidade em grande parte da minha vida, de diferentes maneiras, tendo a possibilidade de ver de perto e sentir as diferenças de gênero, no esporte e nas aulas de Educação Física, percebi a necessidade de me aprofundar mais neste assunto, e espero que através deste trabalho eu possa contribuir de alguma maneira na promoção da igualdade de gênero.

2. OBJETIVO

Investigar as relações entre o futebol/ futsal feminino e o contexto de gênero nas aulas de educação física do ensino fundamental.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa atenderá ao formato de uma pesquisa qualitativa, documental e bibliográfica, que baseia-se na pesquisa da literatura científica para levantar e analisar o que já foi produzido sobre determinado tema. (THOMAS; NELSON, 2002)

Para a consolidação teórica e conceitual deste trabalho serão utilizados elementos, como livros e trabalhos científicos da biblioteca da Universidade Estadual Paulista – Júlio de Mesquita Filho, Campus de Rio Claro, e artigos publicados em periódicos online, revistas, reportagens em portais eletrônicos e livros.

Também serão pesquisados documentos que regem e estruturam a prática pedagógica da Educação Física nas escolas no que diz respeito às relações de gênero. Tais como, Temas transversais, Plano Nacional de Ensino, Base Nacional Comum Curricular, etc.

Para o levantamento de dados, os conceitos analisados foram: questões históricas da mulher em sociedade; patriarcado; história do futebol e futsal; futebol e futsal femininos; definição de gênero; questões de gênero no âmbito esportivo e escolar; gênero nos documentos.

4. HISTÓRIA DO FUTEBOL E FUTSAL

No princípio, era a bola. Desde a mais remota antiguidade, os mais diferentes povos já corriam atrás dela: chineses, japoneses, egípcios, gregos, romanos, italianos, normandos, bretões, astecas, guaranis e sabe - se lá quantos outros. Todos eles, ainda que cada qual à sua maneira, fizeram - na peça de rituais, de confrontos ou, simplesmente, de diversão. (Franzini, 2009)

O futebol veio depois de um longo tempo. No século XIX os ingleses começaram a normatizar sua velha prática, que já era muito difundida em suas escolas e universidades. Assim, definindo e submetendo regras e criando uma estrutura organizacional, começam a transformar o que era jogo em esporte.

Não foi um processo simples, pois em algumas escolas, os jogadores carregavam a bola com a mão e em outras usavam o pé para controlá-la. Com essas maneiras distintas de lidar com o elemento principal do jogo, surgiram primeiramente o *Rugby* em 1846, e posteriormente em 1863, a *Association Football*.

A partir deste momento, as regras passaram a ser constantemente aprimoradas, e como seus códigos se tornavam cada vez mais precisos, tanto o *Rugby* quanto o *Association Football* cresciam em popularidade com os ingleses.

Com a difusão global do capitalismo no século XIX, e o grande impacto causado por ele, o futebol se transformou em mais um produto de exportação inglesa. A bola transpassava fronteiras e se difundia pelo mundo.

O Futebol cada vez mais alcançava níveis expressivos, crescendo em um ritmo frenético. Décadas depois surgiu o *Futsal*.

Existem divergências sobre sua origem, existe uma versão que o futsal começou a ser jogado por volta de 1940, por frequentadores da Associação Cristã de Moços, em São Paulo, pois havia uma grande dificuldade em encontrar campos de futebol livres para poderem jogar e então começaram a utilizar as quadras de basquete e hóquei para suas “peladas”. Como as bolas de futebol saltavam muito e frequentemente saiam da quadra de jogo, tiveram que diminuir seu tamanho e aumentar seu peso, assim foi chamado de *Esporte da bola pesada*.

A outra versão diz que o Futebol de Salão, nasceu em 1931 na Associação Cristã de Moços (ACM) de Montevideu no Uruguai, através do professor Juan Carlos Ceriani.

Como profissional de educação física e conhecedor de atividades infantis, ele que também era secretário do Departamento de Menores da A C M, trouxe o futebol de rua para as quadras e utilizou – se de regras de outros esportes, como o Futebol de Campo, Basquete, Handebol e até do Polo - aquático para montar as regras do novo jogo.

Na década de 30, o Futebol de Salão teve seu maior desenvolvimento, inclusive das regras, as quais foram normatizadas quando se criou a Federação Internacional de Futebol de Salão (FIFUSA) na década de 70. A FIFUSA controlou o futebol de salão até 1993 quando ele passou para as mãos da FIFA (Federação Internacional de Futebol). A partir deste ano o *Futebol de Salão* passou a se chamar *Futsal* e a ter novas regras, padronizadas no mundo inteiro.

5. FUTEBOL E FUTSAL FEMININO

Na Inglaterra quando os homens viram-se obrigados a trocar os campos de jogos pelos de batalha, durante a Primeira Guerra Mundial, as mulheres foram forçadas pela necessidade de assumir as funções predominantemente masculinas.

As mulheres acabaram também por formar equipes de futebol e promover jogos. Com o fim da guerra e a restauração dos papéis sociais tradicionais, esses times entraram em choque com os interesses masculinos, e logo as mulheres foram segregadas novamente às arquibancadas. Na França elas criaram novas regras para seu jogo para não entrar em confronto com os homens, mas tempo depois tiveram o mesmo destino das jogadoras inglesas.

No Brasil, o futebol feminino sofreu diversos empecilhos, como discursos preconceituosos e estereotipados, também foram utilizados argumentos biológicos, e do campo psicológico e até deliberações legislativas para afastar as mulheres do futebol.

As mulheres não se permitirá prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo para este efeito o Conselho Nacional de Desportos baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país. (Decreto Lei nº 3199- 1941)

Segundo Ballariny da Escola de Medicina, o futebol era um esporte violento e prejudicial ao corpo feminino, podendo até causar danos permanentes aos órgãos reprodutores da mulher. Ele acreditava que a prática do futebol masculinizava o corpo das mulheres.

Outro falso argumento utilizado foi que o futebol feminino poderia causar lesões mamárias. O futebol também foi considerado como um agravante do espírito agressivo e combativo, qualidades consideradas incompatíveis com o gênio e caráter feminino.

Apesar de todos esses empecilhos e dificuldades, através de pequenas manifestações a mulher começou a buscar seu espaço nos campos.

Com o passar das décadas o futebol feminino vem crescendo, a passos lentos, sem o mesmo interesse, estrutura e investimento do masculino, e da mesma maneira, o futsal feminino.

Ambas as modalidades vem ganhando seu espaço aos poucos, gerando interesse, e elevando a qualidade técnica, crescendo cada vez mais o número de participantes.

A luta das mulheres na sociedade reflete dentro dos campos e das quadras, como foi bastante destacada na Copa do Mundo Feminina de 2019, realizada na França. A edição bateu recordes atrás de recordes e foi considerada como um marco, e um divisor de águas.

Pela primeira vez, todos os jogos da seleção brasileira feminina, foram transmitidos pela Globo, maior emissora do país, tendo a maior audiência da história do torneio. A jogadora Marta também se tornou a maior artilheira da história das Copas do Mundo com 17 gols, superando o alemão Miroslav Klose. Marta também foi destaque por suas chuteiras que tinham um símbolo de igualdade no lugar do patrocinador, uma figura nas cores azul e rosa, criada pela campanha GoEqual, que luta pela equidade entre homens e mulheres.

O presidente da FIFA, Gianni Infantino, após ser recebido na final da Copa por gritos de “Equal Pay! Equal Pay”, que significa pagamentos iguais, anunciou mudanças para os próximos anos, como por exemplo, a criação de Mundial de Clubes, uma Liga Mundial Feminina, aumento do número de seleções na próxima Copa de 24 para 32 e prometeu dobrar o investimento do esporte para um bilhão de dólares.

Assim a esperança de todos é que os gritos e vaís das arquibancadas de Lyon continuem ecoando na cabeça de quem pode levar essas mudanças a diante. E que o Futebol Feminino não fique em alta apenas quando ocorrem os Jogos Olímpicos e a Copa do Mundo.

6. DEFINIÇÃO DE GÊNERO

Em seu artigo *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*, a historiadora Joan Scott diz:

[...] o núcleo da definição [de gênero] repousa numa conexão integral entre duas proposições: (1) o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e (2) o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder (1995).

Para Connell (1990), o gênero deve ser entendido como uma construção histórica do poder entre homens e mulheres. E que o conceito de gênero modifica ao decorrer do tempo e de cada cultura, porém, se refere às relações sociais em que determinados grupos atuam (2002).

Benevento e Santana (2013) a definição de gênero são as relações sociais de poder entre mulheres e homens, trazendo como resultado a formação do papel de homem e mulher a partir de suas diferenças.

Nicholson (2000) rejeita a ideia de que essas diferenças entre os sexos e a construção do gênero sejam baseadas em diferenças biológicas. Ele defende a ideia de que as diferenças sexuais só são estabelecidas através de processos de significação a partir da linguagem, assim o sexo e o gênero devem ser assumidos como condições culturais.

Louro (1996) complementa esta ideia, quando diz que gênero não significa o mesmo que sexo, pois o sexo está relacionado à identidade biológica do indivíduo, enquanto o gênero refere-se à construção social identificada como masculino e feminino.

Os autores Reinaudo e Bacellar (2008) também excluem o fator biológico, pois acreditam que gênero é a identidade que o indivíduo acredita ter, seja homem ou mulher, tendo isso como uma convicção, levando em consideração sua natureza de identidade e não sua natureza física.

Levando em consideração todas as definições de gênero dadas por diversos autores, relacionando as expectativas que a sociedade confere a homens e

mulheres, podemos entender gênero como uma construção social que exclui os fatores biológicos.

7. QUESTÕES DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO ESCOLAR

A desigualdade entre homens e mulheres no decorrer da história está presente em todos os segmentos da sociedade, como na escola.

Segundo Beltrão e Alves (2003) se tinha uma visão que a mulher era inferior, não tendo necessidade de aprender a ler e escrever. Essa tradição foi trazida de Portugal para a colônia brasileira.

Do período colonial ao império as mulheres viviam em um estado de ignorância cultural, onde o único local que poderia se aprender a leitura, a escrita e a música, eram os conventos.

Nó século XIX as mulheres de classe superior, tiveram a oportunidade de receber instrução. Em 1827, através da Lei Imperial foi autorizada a abertura de classes femininas, mas com currículos diferentes dos homens.

A primeira escola mista brasileira foi oficializada em 1920, mantendo a diferenciação, separação e hierarquização da história da instrução entre homens e mulheres.

Após a Revolução de 1930 alguns avanços significativos na educação feminina começaram a acontecer, através das reivindicações de movimentos feministas contra as desigualdades presentes na sociedade.

Na Educação Física não foi diferente, sua história mostra que sempre foi discriminatória.

Meninos e meninas sempre tiveram tratamentos diferentes, que além das diferenças naturais ou biológicas, apresentam-se também diferenças corporais culturalmente construídas. Para (ROMERO apud DARIDO et al, 2005, p.107) quando crianças,

Os meninos são incentivados a praticar brincadeiras mais agressivas e mais livres; jogar bola na rua, soltar pipa, andar de bicicleta, rolar no chão em brigas intermináveis, escalar muros e realizar várias outras atividades que envolvem riscos e desafios. As

meninas, ao contrário, são desencorajadas de praticar tais brincadeiras e atividades.

Segundo ROMERO (1994) esse tratamento diferenciado acaba resultando em um desempenho motor igualmente diferenciado.

Este processo de transmissão cultural reforça os preconceitos, colaborando com que as meninas tenham menos experiências, criando uma cadeia de situações.

A história da Educação Física foi marcada pela medicina e por instituições militares, que mantinham um poder sobre o corpo, construindo assim, um homem forte e robusto a fim de contribuir com a Pátria. A Educação Física foi pensada com um processo disciplinador, onde seria um meio de manter a obediência. Sendo assim, esta uma extensão da educação familiar.

A Educação Física tinha como objetivo na escola formar uma geração capaz de suportar a luta, para atuar na guerra, por isso era necessário selecionar indivíduos perfeitos fisicamente e excluir quem não fosse capaz. Desta maneira, as mulheres eram proibidas de participar das aulas, sendo consideradas inferiores biologicamente, criando uma imagem de fragilidade.

Posteriormente a Educação Física também é permitida à mulher, propagando a ideia de que com os exercícios físicos, as mulheres seriam mais fortes e robustas gerando conseqüentemente filhos mais saudáveis para futuramente defenderem a Pátria.

Mas as diferenças da prática entre meninos e meninas ainda era bem acentuada.

Mesmo com o passar do tempo, e muitos avanços em relação a esta questão, ainda percebemos uma pré - determinação de gênero nas atividades. No qual são pospostas diferentes atividades para meninos e meninas. Por exemplo, lutas e esportes são destinados aos meninos e ginástica e dança para as meninas. Quanto aos jogos, os de cooperação são destinados as meninas e os de competição aos meninos. A trajetória da Educação física no Brasil contribuiu para essa masculinização dos esportes, principalmente o masculino e a feminização das atividades rítmico expressivas.

Algumas mudanças ocorreram no campo pedagógico, impulsionadas pelos estudos feministas que denunciavam a situação de exploração e opressão das mulheres em relação aos homens e também da inserção do conceito de gênero.

A Educação Física necessita de uma equidade de oportunidades entre meninos e meninas fazendo com que ocorra um desenvolvimento integral nessas crianças, não reproduzindo os estereótipos presentes na sociedade. E também diminuir as possibilidades de exclusão, que não ocorrem somente nas questões de gênero, mas também por outros fatores como, a idade, força e a habilidade.

8. GÊNEROS NOS DOCUMENTOS

Nem sempre os assuntos relacionados ao gênero receberam tanta importância na área de Educação Física, analisando durante sua história, seus objetivos, as leis e decretos.

Na década de 1970, foi promulgado um Decreto Federal nº 69450, de 1º de novembro de 1971 que fez com que a Educação Física desempenhasse um papel de acordo com contexto político militar em que o Brasil vivia. Os alunos eram convenientemente separados e encaminhados para funções diferenciadas, contribuindo para ressaltar ainda mais a desigualdade presente na sociedade.

Na década de 1980 a Educação Física teve um período de contestação em seus métodos e pressupostos, sendo influenciada pelas teorias críticas da educação. Mas essas novas formas de pensar não garantiram grandes avanços nas questões de gênero.

Segundo FREIRE (1989) a Educação Física brasileira, filha natural do militarismo e filha adotiva da medicina higiênica, não consegue livra-se dessa paternidade.

Atualmente temos documentos que regem a Educação brasileira, assim como a educação física.

Os PCNs – Parâmetros Curriculares Nacionais são diretrizes elaboradas pelo Governo Federal com o objetivo de orientar educadores por meio da padronização de alguns fatores fundamentais pertencentes a cada disciplina. Esses parâmetros abrangem a rede pública e privada, conforme o nível de escolaridade dos alunos, tendo como meta garantir aos educandos o direito de usufruir dos conhecimentos necessários para o exercício da cidadania.

Sobre as questões de gênero o documento diz:

Os conhecimentos sobre o corpo, seu processo de crescimento e desenvolvimento, que são construídos concomitantemente com o desenvolvimento de práticas corporais, ao mesmo tempo que dão subsídios para o cultivo de bons hábitos de alimentação, higiene e atividade corporal e para o desenvolvimento

das potencialidades corporais do indivíduo, permitem compreendê-los como direitos humanos fundamentais.

A formação de hábitos de autocuidado e de construção de relações interpessoais colaboram para que a dimensão da sexualidade seja integrada de maneira prazerosa e segura. No que tange à questão do gênero, as aulas mistas de Educação Física podem dar oportunidade para que meninos e meninas convivam, observem-se, descubram-se e possam aprender a ser tolerantes, a não discriminar e a compreender as diferenças, de forma a não reproduzir estereotipadamente relações sociais autoritárias.

No âmbito da Educação Física, os conhecimentos construídos devem possibilitar a análise crítica dos valores sociais, tais como os padrões de beleza e saúde, que se tornaram dominantes na sociedade, seu papel como instrumento de exclusão e discriminação social e a atuação dos meios de comunicação em produzi-los, transmiti-los e impô-los; uma discussão sobre a ética do esporte profissional, sobre a discriminação sexual e racial que existe nele, entre outras coisas, pode favorecer a consideração da estética do ponto de vista do bem-estar, as posturas não-consumistas, não preconceituosas, não-discriminatórias e a consciência dos valores coerentes com a ética democrática.

A Base Nacional Comum Curricular define o conjunto de aprendizagens essenciais a que todos os estudantes têm direito na Educação Básica. Servindo como norte para construção e adaptação dos currículos de todos os sistemas de ensino e a partir destes, os PPPs – Projeto Político e Pedagógico, e planos de aula.

A concepção de Educação Física na BNCC é:

A Educação Física é o componente curricular que tematiza as práticas corporais em suas diversas formas de codificação e significação social, entendidas como manifestações das possibilidades expressivas dos sujeitos, produzidas por diversos grupos sociais no decorrer da história. Nessa concepção, o movimento humano está sempre inserido no âmbito da cultura e não se limita a um deslocamento espaço-temporal de um segmento corporal ou de um corpo todo.

Algumas das competências da Educação física segundo a Base incluem identificar a multiplicidade de padrões de desempenho, saúde, beleza e estética corporal, analisando, criticamente, os modelos disseminados na mídia e discutir posturas consumistas e preconceituosas. E também as formas de produção dos preconceitos, compreender seus efeitos e combater posicionamentos discriminatórios em relação às práticas corporais e aos seus participantes.

Os documentos estaduais e municipais seguem a legislação nacional como orientação, construindo assim seus currículos que por sua vez são utilizados por cada escola para a construção do seu Projeto Político Pedagógico e assim elaborar seus planos de aula.

9. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nas considerações apresentadas, podemos afirmar que educação como todo e a educação física de modo específico ajudaram, durante a história, a contribuir com a perpetuação dos estereótipos de gênero, impostos pela sociedade, baseando – se muitas vezes em argumentos de ordem biológica, desencadeando assim que desde pequenos, meninos e meninas tivessem experiências de vida diferentes, que os influenciam pelo resto da vida.

Sabendo que esses fatores são de ordem cultural e não biológica, faz-se necessário, romper com esses preconceitos. Cabe a todos que fazem parte da estrutura organizacional escolar, e como tratado nesse trabalho em específico, os professores de educação física, compreenderem essas diferenças existentes entre os gêneros e programar mudanças para que essas diferenças não existam.

É notável que a Educação Física Escolar tenha certa incoerência entre o discurso e a prática. Existe certa dificuldade e um despreparo desses professores, fazendo que as aulas reproduzam os preconceitos existentes nas questões de gênero.

Na grande maioria das aulas, o esporte é o principal, ou muitas vezes o único conteúdo aplicado nas aulas. E tendo como característica priorizar o desempenho acaba sendo um espaço não democrático, levando a exclusões.

E por ser o esporte de maior expressão mundial, e pelo Brasil ser considerado o *País do Futebol*, têm muitas aulas onde só esse esporte é praticado, e sempre pedido com frequência pelos alunos. E por falta de estrutura para prática deste, vemos o Futsal sendo jogado nas escolas.

Nesse sentido, a exclusão das meninas cresce ainda mais, pois culturalmente o futebol é um esporte para homens, e até alguns anos atrás era praticado profissionalmente apenas por eles. E com visibilidade midiática quase nula comparada ao masculino, o Futebol Feminino desperta pouco interesse em quem consume ou pratica.

Com alguns recentes bons desempenhos da Seleção Brasileira Feminina de Futebol e com jogadoras de grande destaque internacionalmente, como Marta, considerada a Rainha do Futebol, seis vezes eleita melhor jogadora do mundo,

também superando Pelé como a maior artilheira da Seleção Brasileira, maior artilheira da história das copas do mundo, com 17 gols, superando o alemão Klose, e sendo nomeada pela ONU Mulheres como Embaixadora da Boa Vontade para mulheres e meninas no esporte, dedicando seus esforços a apoiar o trabalho pela igualdade de gênero e empoderamento em todo mundo. Fizeram com o Futebol Feminino começasse a interessar mais espectadores, e assim um pouco mais de destaque na mídia, o que fez com que o número de meninas e mulheres praticantes aumentasse significativamente.

Algumas alterações feitas pelas confederações estão colaborando para isso, como por exemplo, a partir de 2019 os clubes brasileiros de futebol que não tiverem um time feminino disputando competições nacionais estarão proibidos de disputar a Copa Libertadores, esta exigência faz parte do programa de licenciamento implantado pela CBF, Conmebol e FIFA.

As mulheres também vêm ganhando espaço nos programas de jornalismo esportivo, e também nas transmissões de jogos, como por exemplo, a rede de televisão FOX, inovou e contratou três mulheres para narrar a Copa do Mundo de 2018.

E isso reflete nas aulas de Educação Física nas escolas, no qual o interesse pela prática de muitas meninas aumentou, mesmo os meninos tentando se impor e dominar a prática, e muitos professores despreparados dividindo as salas entre meninos e meninas e não compondo a sala em turmas mistas como o determinado.

A Educação Física pode ser um meio de transformação, e tem um grande potencial para fazer isso, pois as relações de gênero são exaltadas devido à questão corporal. E a Educação Física pode proporcionar reflexões sobre os processos que a humanidade foi submetida ao longo da história das manifestações da cultura corporal.

É necessário que os professores utilizem de intervenções e discussões para desconstruir padrões, levantar aspectos históricos, problematizar o tema, gerando assim uma reflexão dos alunos. É importante também que o professor se prepare, pesquise, pois são temas de grande impacto social e existem muitos tabus em relação a ele, gerando diversas opiniões.

A Educação física pode perpetuar desigualdades presentes na sociedade, como também ser transformadora e a esperança é que ela esteja sempre em evolução.

10. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTMANN, H. Rompendo fronteiras de gênero: Marias (e) homens na educação física. 1998.108f. Dissertação (mestrado em educação) – Faculdade de educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1998.

BARLEM, Cíntia. **Após anunciar aposentadoria em 2016, Formiga retorna à seleção brasileira.** 2018. Disponível em: <<https://globoesporte.globo.com/blogs/dona-do-campinho/post/2018/02/24/formiga-retorna-a-selecao-brasileira.ghtml>>. Acesso em: 10 dez. 2018.

BEAUVOIR, SIMONE D. **O Segundo Sexo: Fatos e Mitos.** 4. ed. Paris: Librairie Gallimard, 1970. Direitos Exclusivos para Língua Portuguesa: Difusão Européia do Livro, São Paulo.

BNCC. **Educação é a base.** Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>>. Acesso em: 15 mar. 2019.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: Educação física / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília : MEC/SEF, 1997. 96p

CACIOLI, Renan. **Mesmo obrigados, clubes da Série A ignoram futebol feminino.** 2018. Disponível em: <<https://esportes.estadao.com.br/noticias/futebol,mesmo-obrigados-clubes-da-serie-a-ignoram-futebol-feminino,70002273870>>. Acesso em: 18 dez. 2018.

CONSELHO Federal de Educação Física. 2019. Disponível em: <<https://www.confef.org.br/confef/resolucoes/>>. Acesso em: 09 fev. 2019.

CRUZ, Marlon Messias Santana. Construção de identidade de gênero na Educação Física Escolar. **Revista Motriz**, Rio Claro, v. 15, p.116-131, 2009.

DARIDO, Suraya Cristina. **Futebol Feminino no Brasil: Do seu Início à Prática Pedagógica.** 2002. Disponível em: <<http://www.rc.unesp.br/ib/efisica/motriz/08n2/Darido.pdf>>. Acesso em: 12 jan. 2019.

FERNANDEZ, Martín. **Clube sem futebol feminino ficará fora da Libertadores a partir de 2019.** 2017. Disponível em:

<<http://globoesporte.globo.com/futebol/noticia/2017/01/clube-sem-futebol-feminino-ficara-fora-da-libertadores-partir-de-2019.html>>. Acesso em: 20 dez. 2018.

FERNANDES, Simone Cecília. **2 Simone Cecília Fernandes OS SENTIDOS DE GÊNERO EM AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA**. 2008. 116 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas Faculdade de Educação Física, Campinas, 2008.

FIFA. Federação Internacional de Futebol. **History of Football - The Global Growth**. Disponível em: <<https://www.fifa.com/about-fifa/who-we-are/the-game/global-growth.html>>. Acesso em: 10 ago. 2018.

FRANZINI, Fábio. Futebol é "coisa para macho"? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebo. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 25, p.102-188, 2005.

FIFA. Federação Internacional de Futebol. **History of Football - The Origins**. Disponível em: <<https://www.fifa.com/about-fifa/who-we-are/the-game/index.html>>. Acesso em: 10 ago. 2018.

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. (Org.) . Métodos de Pesquisa. 1. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. v. 1. 120p .

GONÇALVES, EMERSON. **Os tamanhos e os números gigantes do futebol**. 2017. Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/blogs/especial-blog/olhar-cronico-esportivo/post/os-tamanhos-e-os-numeros-gigantes-do-futebol.html>>. Acesso em: 05 ago. 2018.

KNIJNIK, JORGE DORFMAN; ZUZZI, Renata Pascoti (Org.). **Meninas e Meninos na Educação Física: Gênero e Corporeidade no Século XXI**. Jundiaí: Fontoura, 2010. 199 p.

MEIER, Bruno. **FOX inova e recruta três mulheres para narrar a Copa do Mundo**. 2018. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/blog/veja-gente/fox-inova-e-recruta-tres-mulheres-para-narrar-a-copa-do-mundo/>>. Acesso em: 20 dez. 2018.

METZNER, Andreia Cristina. Leis e Documentos que regem a Educação Física escolar brasileira: uma breve apresentação. **Revista Hispeci & Lema On Line**, Bebedouro, p.1-13, 2012.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **MEC inicia discussão para implementação da Base Curricular com secretários estaduais e municipais.** Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/>>. Acesso em: 10 fev. 2019.

MOURÃO, Dra. Ludmila; MOREL, Msnda. Marcia. AS NARRATIVAS SOBRE O FUTEBOL FEMININO: O DISCURSO DA MÍDIA IMPRESSA EM CAMPO. **Revista Brasileira de Ciências e Esporte**, Campinas, v. 26, p.73-86, 2005.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **ONU Mulheres anuncia jogadora Marta como embaixadora global da Boa Vontade.**2018. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/onu-mulheres-anuncia-jogadora-marta-como-embaixadora-global-da-boa-vontade/>>. Acesso em: 22 dez. 2018.

PLACAR, Redação (Ed.). **Marta supera Pelé em número de gols pelo Brasil.** Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/placar/marta-supera-pele-em-numero-de-gols-pelo-brasil/>>. Acesso em: 21 dez. 2018.

PRIORE, M. D.; DE MELO, V. A. (Org.). História do Esporte no Brasil do Império Aos Dias Atuais. In: GOELLNER, S. V. *Imagens Da Mulher no Esporte*. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

RIO CLARO. SECRETARIA MUNICIPAL DA EDUCAÇÃO. **. PROPOSTA CURRICULAR DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE RIO CLARO (SP).**

SÃO PAULO. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO. **. Currículo do Estado de São Paulo.** 2019. Disponível em: <<http://www.educacao.sp.gov.br/curriculo>>. Acesso em: 11 abr. 2019.

SARDINHA, Danilo; PEREIRA, Silas. **Trabalho de formiguinha: a trajetória de Formiga no futebol feminino.** 2016. Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/sp/vale-do-paraiba-regiao/futebol/noticia/2016/02/trabalho-de-formiguinha-trajetoria-de-formiga-no-futebol-feminino-video.html>>. Acesso em: 15 dez. 2018.

SOUZA JÚNIOR, Osmar Moreira de; DARIDO, Suraya Cristina. A prática do futebol feminino no ensino fundamental. **Revista Motriz**, Rio Claro, v. 8, p.1-9, 2002.

TEIXEIRA, R. de A. A Mulher no Futebol: O Bullying e o Cyberbullying no Contexto de Gênero. (Dissertação de Mestrado). 2016. Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Humano e Tecnologias - Tecnologias nas Dinâmicas Corporais – Rio Claro

VOTRE, SEBASTIÃO (Org.). **A representação social da mulher na educação física e no esporte**. Rio de Janeiro: Editoria Central Universidade Gama Filho, 1996. 235 p.